

MARY SHELLEY

FRANKENSTEIN



«Criador, pedi-te que me tirasses
do barro para me fazeres homem?
Solicitei-te que me tirasses do nada?»
MILTON, *Paraíso Perdido*

A JOVEM E O MONSTRO

Vão ler, ou reler, a obra-prima da literatura fantástica, essa genial narrativa de terror que é Frankenstein. Colocámos sob os vossos olhos uma tradução integral da obra. Não é o nome de Frankenstein universalmente conhecido? São nada menos de onze os filmes rodados desde 1931 inspirados diretamente nestas páginas. O monstro é a figura principal, batizado, na maior parte das vezes, por comodidade, com o nome do seu infeliz criador e vítima.

Não temos, pois, nada mais a informar quanto ao conteúdo aterrador do romance de Mary Shelley, mas sobre esta última e as circunstâncias em que nasceu a sua obra, talvez possamos dizer algumas palavras que, se nada vêm acrescentar ao prazer da leitura, responderão, pelo menos assim o esperamos, às perguntas que fizerem a vós próprios.

Frankenstein, ou o Prometeu moderno apareceu em 1818 no vigésimo primeiro aniversário da

sua autora. Leram bem: a obra tem cento e cinquenta anos a foi escrita por Mary entre os dezoito e os dezanove anos. Não nos digam depois disto — e de alguns outros exemplos não menos ilustres — que a precocidade, a maturidade de espírito e de estilo entre os escritores, é um fenómeno contemporâneo da sociedade técnica.

A filha de William Godwin, romancista e publicista anarquista («Todo o Governo, até mesmo o melhor, é um mal», dizia), e de Mary Wollstonecraft, feminista militante («Todas as mulheres são desgraçadas vítimas do sistema social»), teve, ao que se julga, uma mocidade um tudo-nada excitada, cujo inconformismo — ou, antes: anticonformismo —, numa Inglaterra puritana e pré-vitoriana, não deixou de escandalizar.

Ser-lhe-ia, contudo, perdoada muita coisa, em vista do talento que bem depressa manifestou e graças ainda, é preciso dizê-lo, ao meio particularmente genial em que evoluiu constantemente.

As obras emancipadoras do seu pai eram admiradas por Wordsworth, William Blake, Coleridge e... Shelley, pelo qual, como veremos mais adiante, se apaixonou muito nova.

Órfã de mãe desde o seu nascimento em 1797, hostil desde sempre à segunda mulher de seu pai, passa a infância na Escócia, em casa de amigos da família, prudentemente recomendada por Charles Godwin, que cedo descobriu na sua filha um temperamento de fogosa independência legado pelos seus progenitores.

Quando, aos dezassete anos, regressa a Londres a

casa de seu pai, é para ali encontrar, entre os amigos íntimos, Percy Bysshe Shelley, apenas seis anos mais velho do que ela, aureolado por uma glória lírica nascente e por disputas retumbantes com a universidade.

Voluntariosa, mas ávida de afeição, ela ama-o imediatamente, impetuosamente, como era de esperar. Shelley é já casado e pai de família. Pouco importa, isso não representa um obstáculo para o amor de Mary Godwin Wollstonecraft, herdeira das teorias do papá e da mamã.

Faz-se raptar por Percy. O poeta virá a desposá-la em 1816, depois do suicídio da mulher, quando da sua união ilegítima já haviam nascido dois filhos, que morrerão ainda crianças. (O filho, William, tinha o nome do rapazinho que o monstro matará no romance.)

Se a educação de Mary não tinha sido ao uso da época, a sua instrução, pelo contrário, não foi descuidada. A inteligência da jovem moldava-se admiravelmente à assimilação das disciplinas literária, linguística e científica. Foi a brincar que aprendeu grego, latim, francês, italiano e as ciências naturais, ou ainda a filosofia da natureza que se ensinava na época e na qual se misturavam um pouco de química e de quimera, experiência e magia, Galvani e Mesmer. Byron, amigo de seu marido, tinha-a em grande apreço, apreço que, evidentemente, não deixava pelo seu lado de possuir certa dose de condescendência.

Em 1816 ei-los, Byron e a amante Claire Clairmont, meia-irmã de Mary, instalados nas margens do lago de Genebra, numa casa muito perto daquela que os Shelley, fugindo às perseguições morais e

financeiras do seu país, habitam com o seu pequeno William que vive os últimos meses sobre a Terra.

O lago e a natureza rude são para Mary admiração quotidiana e ela não pode evitar dá-los por cenário à sua obra.

Mas esta concentração de escritores não pode contentar-se com passeios campestres. O tempo, aliás, nem sempre se presta para isso e é a uma espécie de competição literária — a própria Mary nos conta — que devemos Frankenstein. Uma competição fortemente encorajada pelas condições atmosféricas e pela leitura habitual de contistas alemães apreciadores do sobrenatural e do horror.

Nós sabemos que Mary Shelley não era indiferente à ciência do seu tempo. Não nos admiraremos, pois, de ler pela sua pena, no prefácio de uma das últimas edições da sua obra: «O facto em que se baseia esta ficção não pareceu de modo nenhum impossível ao doutor Darwin¹ e a alguns escritores de fisiologia da Alemanha.»

Estariamos tentados a acreditar que só uma romancista de vinte anos amada por um grande poeta podia mostrar tal audácia de imaginação.

Mas porque não dar-lhe de novo a palavra para nos expor a génese da obra?

«Assim», escreve ela, «tentei conservar a veracidade dos princípios elementares da natureza humana, ao mesmo tempo que não tive escrúpulos em fazer inovações nas suas combinações... A circunstância em que a minha história é baseada foi-me sugerida

¹ O comentário da autora é, ao que se julga, consideravelmente posterior à primeira edição da obra. (N. de T.)

por acaso numa conversa. Começou em parte como divertimento e em parte como meio de exercitar as faculdades menos empregadas do espírito.»

Algumas linhas mais adiante, Mary toma certas precauções que se julgariam inspiradas pelo receio de uma censura, moral ou judicial:

«As opiniões, apresentadas naturalmente segundo o carácter e a posição do herói, não devem ser consideradas o fruto da minha convicção pessoal; e nada do que está contido nesta obra deve também ser considerado prejudicial a qualquer doutrina filosófica, seja de que género for.»

Eis agora a circunstância da criação, nesse quadro helvético tão paradoxalmente sereno:

«Passei o verão de 1816 nos arredores de Genebra. A estação estava fria e chuvosa. Reuníamos-nos à noite à volta de uma lareira e líamos de vez em quando, para nos distrairmos, algumas histórias alemãs sobre seres sobrenaturais que o acaso fazia cair nas nossas mãos. Esses contos davam-nos um vivo desejo de os imitar. Combinámos com dois dos meus amigos... escrever cada um uma história baseada em qualquer aventura extraordinária.

«Entretanto o tempo melhorou de repente e os meus dois amigos foram fazer uma viagem pelos Alpes. Esqueceram completamente, no meio dos cenários magníficos que apresentam essas montanhas, qualquer recordação das nossas visões espirituais. O romance que se segue é o único que foi acabado.»

Com efeito, Shelley abandonou o conto que tinha começado e Byron deixou ao amigo, Polidori, que também entrava na competição, o encargo de

concluir um Vampiro, que apenas estava esboçado. Byron, o grande e altivo Byron, nem por isso deixou de acolher o apavorante romance de Mary com esta frase soberba: «É um excelente trabalho para uma rapariga de dezanove anos!»

O público entendeu do mesmo modo e o êxito de Frankenstein, ou o Prometeu moderno foi enorme. Walter Scott, o ídolo dos Ingleses, oráculo literário incontestado, escreveu num jornal de Edimburgo, logo a seguir à publicação do livro:

«A autora parece possuir uma imaginação poética de força pouco comum.»

Eram, temos de concordar, palavras preciosas. O excelente trabalho, de força de imaginação pouco comum, transpôs século e meio sem adquirir as rugas que lhe poderiam ter criado, afinal de contas, o seu lirismo e o seu estilo resolutamente romântico, nobre e majestoso.

A suprema consagração popular veio-lhe muito tempo depois através do cinema, com quilómetros de película que batem todas as outras obras literárias transportadas para a tela.

A vida íntima de Mary Shelley, cujos tempestuosos princípios conhecemos, não estava de acordo com o seu êxito literário. A sua ligação e depois o casamento com Percy Bysshe enfrentaram múltiplas tempestades. Às mais diversas ironias que lhes valeram a independência moral e a intransigência ideológica, juntou-se o choque permanente dos seus temperamentos de exceção, exigentes, altivos, imperiosos. Foram também cruelmente feridos pela morte de dois dos seus filhos.

(Um terceiro, Percy, iludiria mais tarde Mary, que depositava nele «grandes esperanças»: foi sem dúvida esmagado pelo nome que usava e pela personalidade de seus pais.)

As circunstâncias que tornaram Mary viúva pertencem à história literária e limitamo-nos a recordá-las.

No mês de julho de 1822, Shelley morreu no Mediterrâneo, no naufrágio do seu barco Ariel, ao largo de La Spezia, onde o casal se tinha instalado. Mary tem então vinte e cinco anos. Acabrunhada pela dor, regressa a Inglaterra e procura o esquecimento na literatura. Mas, apesar do seu interesse, as obras que se sucedem a Frankenstein não terão o valor desta e não permitirão a Mary o acolhimento que lhe tinha proporcionado a primeira e inesquecível criação.

Contudo, faremos menção especial ao Último Homem, romance de antecipação que, à semelhança de certas obras de ficção científica contemporâneas, imagina a destruição da humanidade e os problemas que se apresentam ao único sobrevivente. Porém, apesar da amplitude do argumento, o livro já não tem o sopro épico e sombrio de Frankenstein. Este permanece, século e meio decorrido, o modelo incontestado da literatura em que o terror nasce das criações do próprio homem, em que a angústia não é mais do que o veículo que conduz a imaginação do leitor para as perspectivas ímpias e implacáveis das nossas conquistas científicas.

ALBERT DEMAZIÈRE

CARTA I
À SENHORA DE SAVILLE, INGLATERRA

S. Petersburgo, 11 de dezembro de 17...

Muito estimarás saber que nenhuma desgraça perturbou o começo de um empreendimento que tinhas encarado com funestos pressentimentos. Cheguei aqui ontem e o meu primeiro dever é o de te informar, querida irmã, de que a minha saúde é boa e maior a minha confiança no êxito da minha empresa.

Estou já muito a norte de Londres; e, quando passeio pelas ruas de S. Petersburgo, sinto projetar-se sobre a minha face a aragem fria do Norte que me conforta e me enche de voluptuosidade. Compreendes esta sensação? Este vento, vindo das regiões para as quais avanço, dá-me o sabor antecipado desses climas gelados. Inspirado por este vento precursor, sinto que as minhas ideias se tornam mais ardentes e mais vivas. Esforço-me em vão por me convencer de que o polo é o centro do gelo e da desolação; apresenta-se sempre na minha imaginação como o país da beleza e do prazer. Ali, Margaret, o Sol está sempre visível; o seu grande

disco orla quase o horizonte e espalha um clarão perpétuo. Dali (pois, com a tua licença, minha irmã, terei alguma confiança nos navegadores que me precederam), dali, dizia eu, a neve e o gelo estão banidos; e, navegando sobre um mar calmo, pode ser-se transportado para uma terra que excede em prodígios e em beleza todos os países até aqui descobertos no mundo habitável. As suas produções e os seus traços podem ser sem exemplo, como o são os fenómenos do corpo celeste, sem dúvida, nessas solidões desconhecidas. O que não se pode esperar num país onde brilha uma luz eterna? Descubro ali o poder espantoso que atrai a agulha; e posso fixar uma imensidade de observações celestes que não precisam senão desta viagem para tornar constantes as suas aparentes excentricidades. Saciarei a minha ardente curiosidade, vendo uma parte do mundo que nunca foi visitada antes de mim, e posso pisar terra que nunca foi marcada pelos pés de um mortal. Eis o que me atrai e isso me basta para afastar todo o receio do perigo ou da morte e encorajar-me a começar essa penosa viagem com a alegria que experimenta uma criança quando entra num pequeno barco em dia de festa, com os seus camaradas, para a expedição de uma descoberta no ribeiro que banha a sua terra. Mas, supondo que todas estas conjeturas sejam falsas, não podes contestar o serviço inestimável que prestarei a toda a espécie humana, até à última geração, descobrindo perto do polo uma passagem para aquelas regiões onde, para lá chegar, são necessários agora vários meses; ou ainda observando o segredo do magnetismo, o que, a menos que seja impossível, não pode verificar-se a não ser por meio de um empreendimento como o meu.

Estas reflexões acalmaram a agitação com que comecei a minha carta e sinto o coração encher-se de um entusiasmo que me eleva ao céu; pois nada contribui tanto para tranquilizar o espírito como um projeto bem firme, sobre o qual se possa fixar a nossa atenção. Esta expedição foi o sonho favorito dos meus primeiros anos. Li com ardor as narrativas das várias viagens realizadas com o fito de chegar ao Oceano Pacífico Norte, através dos mares que rodeiam o polo. Lembras-te talvez de que a história de todas as viagens empreendidas com a intenção de fazer descobertas constituía a biblioteca inteira do nosso bom tio Thomas. A minha educação foi descuidada; no entanto eu amava a leitura com paixão. Estudava esses livros dia e noite, e o conhecimento que deles obtive aumentou o desgosto que senti mais tarde, ao saber que meu pai, no seu leito de morte, tinha proibido meu tio de me deixar abraçar a carreira de marinheiro.

Essas visões enfraqueceram quando li pela primeira vez esses poetas cujas efusões penetravam na minha alma e a transportavam ao céu. Tornei-me poeta também e durante um ano vivi no paraíso da minha própria criação. Pensava conseguir também um lugar no templo onde estão consagrados os nomes de Homero e de Shakespeare. Tu sabes quanto me enganava e quanta dificuldade tive em suportar a minha desventura. Mas, justamente nessa época, herdei a fortuna de meu primo e os meus pensamentos voltaram-se para as primeiras inclinações.

Seis anos se passaram desde que tomei a resolução que executo neste momento. Posso, mesmo agora, lembrar-me da hora em que me dediquei a esta

grande empresa. Comecei por acostumar o meu corpo à fadiga. Acompanhei os pescadores de baleias em várias expedições no Mar do Norte; suportei voluntariamente o frio, a fome, a sede e a vigília; muitas vezes, durante o dia, suportava trabalhos mais rudes do que qualquer dos marinheiros e passava as minhas noites a estudar matemática, medicina e esses ramos das ciências físicas de que um homem dado às empresas marítimas pode frequentemente tirar o maior partido. Duas vezes mesmo, alistei-me como marinheiro para a pesca na Gronelândia e desempenhei às mil maravilhas as minhas funções. Devo confessar que senti um pequeno impulso de orgulho quando o capitão me ofereceu o lugar de imediato e me suplicou que ficasse, tanto apreciava os meus serviços.

E agora, minha querida Margaret, creio que mereço realizar qualquer grande projeto. Teria podido passar a minha vida na abastança e no prazer; mas preferi a glória a todos os atrativos que a riqueza colocava à minha frente. Oh, que qualquer voz encorajadora me chame do êxito! A minha coragem e a minha resolução são inabaláveis; mas as minhas esperanças são incertas e o meu espírito é muitas vezes humilhado. Vou empreender uma viagem longa e difícil; os perigos que correrei exigirão toda a minha coragem: precisarei não só de manter a coragem dos outros, mas por vezes também a minha, quando fraquejar. Esta estação é a mais favorável para viajar na Rússia. Voa-se sobre a neve em trenós; o movimento é suave e, na minha opinião, muito mais agradável do que o de uma diligência inglesa. O frio não é excessivo, desde que se esteja envolvido em peles; e eu já adotei

esta indumentária, pois há grande diferença entre passear-se na cobertura de um navio e ficar-se sentado durante várias horas sem fazer um movimento, sem que a ausência de exercício faça gelar o sangue nas veias. Não tenho de modo algum a ambição de perder a vida na grande estrada entre S. Petersburgo e Arkhangelsk.

Partirei para esta cidade dentro de quinze dias ou três semanas; e a minha intenção é a de alugar um barco ali, o que é bem fácil, pagando caução ao proprietário, contratar tantos marinheiros quantos julgue necessário entre aqueles que estão habituados à pesca da baleia. Não conto largar antes do mês de junho: e quando regressarei? Ah, minha querida irmã, como responder a esta pergunta? Se for bem-sucedido, muitos meses, anos talvez se hão de passar antes que possamos ver-nos. Caso contrário voltarás a ver-me em breve, ou nunca mais.

Adeus, minha querida, minha excelente Margaret, que o céu lance sobre ti as suas bênçãos e que me proteja, a fim de que possa testemunhar-te sem cessar a minha gratidão por toda a amizade e atenções.

Teu irmão afeiçoado,

R. WALTON

CARTA II
À SENHORA DE SAVILLE, INGLATERRA

Arkhangelsk, 28 de março de 17...

Como o tempo passa lentamente aqui, rodeado como estou pelo gelo e pela neve! No entanto dei o segundo passo na minha empresa; aluguei um barco e estou ocupado em reunir os meus marinheiros; aqueles que já admiti parecem ser homens com os quais posso contar e são dotados, sem dúvida, de uma coragem intrépida.

Existe, porém, uma coisa, uma única coisa, que não consegui ainda lograr e a ausência desse bem é para mim o maior dos males. Não tenho amigos, Margaret: se estiver animado pelo entusiasmo do êxito, não terei ninguém para partilhar da minha alegria; se cair no desânimo, ninguém tentará levantar a minha coragem. Confiarei os meus pensamentos ao papel, é certo; mas é um triste recurso para desabafar aquilo que se sente. Desejaria ter por companheiro um homem capaz de simpatizar comigo, cujos olhos respondessem aos meus. Podes julgar-me romântico,

minha querida irmã, mas sinto cruelmente a falta de um amigo. Que não tenha junto de mim uma pessoa que seja ao mesmo tempo afável e corajosa, dotada simultaneamente de espírito cultivado e inteligente, cujos gostos se assemelhem aos meus e que possa aprovar ou corrigir os meus planos. Como um tal amigo repararia os erros do teu pobre irmão! Sou demasiadamente ardente na execução e demasiadamente impaciente perante as dificuldades: mas o que é para mim uma desgraça ainda maior é a de não ter recebido mais do que meia educação pois, durante os primeiros catorze anos da minha vida, corria pelos bosques, por aqui e por ali, e não lia senão os livros de viagens do nosso bom tio Thomas. Nessa idade familiarizei-me com os poetas célebres da nossa pátria; senti também a necessidade de aprender outras línguas; mas essa convicção foi em mim demasiado tardia para que possa recolher as suas mais preciosas vantagens. Tenho agora vinte e oito anos e estou na realidade mais iletrado do que muitos estudantes de quinze. É certo que refleti mais e que as minhas ideias têm mais alcance; mas, como dizem os pintores, falta-lhes profundidade e tenho bastante necessidade de um amigo que tenha suficiente bom senso para não me olhar como um romântico e que se me afeiçoe o bastante para tentar regular o meu espírito.

Queixas inúteis! Não é certamente no vasto oceano que encontrarei um amigo, nem tão pouco em Arkhangelsk no meio dos comerciantes e dos marinheiros. No entanto há lugar, nesses corações, para sentimentos que parecem não poder aliar-se à escumalha da natureza humana. O meu imediato, por

exemplo, é um homem de grande coragem e de uma audácia espantosa. Ama a glória com paixão. É inglês; e, no meio dos preconceitos do seu país e da sua situação que não são suavizados pela cultura, conserva algumas das mais nobres qualidades humanas. Travei conhecimento em tempos a bordo de um navio baleeiro; voltei a encontrá-lo nesta cidade sem ocupação e facilmente o contratei para me ajudar na minha empresa.

O mestre da tripulação é um homem inestimável e faz-se notar pela sua moderação e pela brandura da sua disciplina. É de tão boa índole que não caça (distração favorita aqui e quase a única que se encontra), porque não pode suportar a ideia de fazer verter sangue; além disso, é de uma generosidade heroica. Há alguns anos esteve apaixonado por uma jovem russa de modesta fortuna. Possuidor de um capital considerável, amealhado nas suas viagens, obteve sem dificuldade o consentimento do pai da jovem para o casamento. Viu-a uma vez antes do dia da cerimónia: estava banhada em lágrimas; caiu a seus pés, suplicou-lhe que a poupasse e confessou-lhe ao mesmo tempo que amava um jovem russo, mas que ele era pobre e que seu pai não queria nunca uni-los. O meu generoso amigo tranquilizou a infeliz, informou-se do nome do seu namorado e abandonou então toda e qualquer pretensão sobre ela. Havia já comprado uma herdade na qual tinha a intenção de passar o resto da vida; mas deu tudo ao seu rival e, para que este pudesse comprar gado, juntou à sua primeira dádiva um quinhão da sua fortuna. Ele próprio solicitou ao pai da rapariga o consentimento

para a união com aquele que amava; mas o velho, julgando-se ligado a um compromisso de honra com o meu amigo, recusou obstinadamente. Para vergar o inexorável pai, deixou o país e não voltou lá senão quando soube que a sua antiga noiva estava casada segundo a sua inclinação. «Que nobre companheiro!», vais tu exclamar. Tal é o seu carácter; mas passou a vida inteira a bordo de um barco e dificilmente tem uma ideia para além do cordame.

Mas se me lamento um pouco, ou se posso conceber nos meus trabalhos um consolo que talvez não venha a conhecer nunca, não julgues por isso que eu esteja inseguro das minhas resoluções; elas são invariáveis como o destino; e a minha viagem não está agora adiada senão até que o tempo me permita largar.

O inverno foi horrivelmente duro; mas a primavera anuncia-se favoravelmente e esta estação parece mesmo bastante adiantada. Assim, embarcarei talvez mais cedo do que esperava. Não farei nada temerariamente; conheces-me o suficiente para teres confiança na minha prudência e circunspeção, sempre que a segurança dos outros esteja entregue aos meus cuidados.

Não posso descrever-te tudo quanto sinto vendo-me tão perto de pôr a minha empresa em execução. É impossível dar-te uma ideia desta sensação incerta, meio agradável e meio penosa, que me agita no momento da partida. Vou para regiões desconhecidas, para a pátria dos nevoeiros e da neve; mas não matarei nenhum albatroz², não fiques, pois, alarma-

² Evocação do poema de Coleridge, *The rime of the ancient mariner*. (N. de T.)

da acerca da minha sorte. Ver-te-ei ainda, depois de ter atravessado mares imensos e depois de ter dobrado o cabo mais a sul de África ou da América? Não posso esperar tal felicidade; e, no entanto, não ousou olhar para o reverso da medalha. Continua a escrever-me sempre que possas: as tuas cartas serão recebidas (se bem que a probabilidade seja bastante duvidosa) no momento em que tenha a maior necessidade delas para manter a coragem. Adeus, adeus, amo-te muito eternamente. Lembra-te de mim com afeição, se acontecer não mais ouvires falar do teu irmão afeiçoado,

R. WALTON